

BRASIL COMO TERRA DE CONTRASTE: A REGIÃO SUL NA PERSPECTIVA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Neide Almeida Fiori*

Resumo: O recorte geográfico é o Brasil/região sul (estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), enquanto receptor de imigrantes estrangeiros especialmente alemães e italianos. Estuda-se fatos dos anos 1930/1940 relacionados com fatores que vieram a influir nos rumos ideológicos do país. Por um lado, a fundação da Universidade de São Paulo (1934) que propiciou a vinda de professores estrangeiros ao Brasil; por outro lado, a divulgação do pensamento de Gilberto Freyre (1933). Nesse contexto, analisa-se o conceito de brasilidade nas obras: 1) "Casa Grande e Senzala" (teoria da miscigenação) de Gilberto Freyre; b) "A aculturação dos alemães no Sul do Brasil" (teoria da assimilação) de Emílio Willems.

Palavras-chave: Imigração estrangeira, Brasilidade e miscigenação, Brasilidade e assimilação.

1. Este estudo, que se refere à realidade brasileira, tem como recorte geográfico mais específico os estados do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul - uma extensa área geográfica que, do ponto de vista político-administrativo, é designada como Região Sul.¹

Em Sérgio Buarque de Holanda encontra-se a afirmativa: "É velha como o Tordesilhas, a questão do Sul" (HOLLANDA, 1985, p. 358). Mas, para muito além desse longínquo Tratado de 1494 que aspirava conseguir a paz estabelecendo limites, o que vai desenhar de fato as fronteiras do Brasil, em sua parte voltada para o austral, é a efetiva posse das terras. Nesse sentido, historiadores consideram que, no conjunto das terras brasileiras, "o sul seria o campo de maior instabilidade" (HOLLANDA, 1985, p.19). Seu desbravamento inicial deu-se nos tempos coloniais, concedendo-se sesmarias e criando-se povoações; mas um fato reconhecido como relevante foi a fundação, pelos portugueses, da Colônia Sacramento (região do Rio da Prata), em 1680; a necessidade de defendê-la vai exigir do Império português ações estratégico-militares como o desenvolvimento dos meios de comunicação, a construção de fortalezas,² o povoamento etc., como defesa contra ações da América espanhola. Nesse contexto de preocupações inicia-se, já no século XVIII, a imigração açoriana que se dirige especialmente para os estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

Mas a preocupação com a efetiva posse das terras do Sul mantém-se no tempo e vai estar presente na fase do Brasil independente, mas agora no sentido de um novo inimigo em potencial, a Argentina, que poderia facilmente adentrar as fronteiras de uma região com tantas terras devolutas, tão frágil em defesas militares e em povoamento.³ Assim, na decisão de abrir o Brasil à imigração estrangeira pesou, entre outros fatores, a dimensão estratégico-militar no sentido de enfim, mediante uma exploração econômica em regime de pequena propriedade agrícola, obter-se a efetiva ocupação das terras situadas no sul do Brasil.⁴

* Universidade do Sul de Santa Catarina.

¹ A Região Sul ocupa 577.723 km², correspondendo a 7% do território nacional.

² Durante a fase do Brasil colonial, os portugueses construíram 15 fortalezas/fortificações que integravam o chamado "sistema defensivo sul". As fortalezas Santa Cruz de Anhatomirim, São José da Ponta Grossa e Santo Antônio de Ratones estão sob a responsabilidade da Universidade Federal de Santa Catarina, com restauração concluída.

³ A primeira colônia de imigrantes na região Sul foi a de São Leopoldo, fundada em 1824, no estado do Rio Grande do Sul.

⁴ Não estamos nos referindo à imigração, principalmente italiana, que se dirigiu para o estado de São Paulo com o objetivo de trabalhar nas fazendas de café, como assalariados ou em regime de parceria.

Os imigrantes aportaram à nova terra com suas características culturais básicas - religião, idioma, formas de vestir e de alimentar-se, de participar do processo econômico, de gosto musical etc.; enfim, traziam as marcas de uma identidade étnica. São realidades assim que vão conviver com a cultura luso-brasileira, considerada a cultura básica do país acolhedor e com a qual todas as outras deverão conviver. Mas mesmo assim, a presença de imigrantes estrangeiros vai fazer com que a região, ao ser cotejada com a realidade nacional, possa ser considerada uma região de contraste no sentido de "diferença de tons e luzes". Ou seja, essa área compõe especificidades culturais, devido a um conjunto nacional de raízes lusas. Aspectos dessa ordem serão analisados aqui.

Até o momento histórico em que o país se abre à imigração estrangeira um longo caminho fora percorrido, desde os tempos coloniais quando D. João VI, após lutar por uma neutralidade que se revelara insustentável, instalou-se com a Corte portuguesa na cidade do Rio de Janeiro (1808-1821) e o contexto estimulou mudanças na organização político-administrativa do país como: 1) a permissão para que estrangeiros pudessem ser proprietários de terras; 2) o início da vinda de colonos quando, no ano de 1818, imigrantes suíços fundaram a colônia de Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro; 3) a fundação dos estudos superiores.⁵

2. A principal abordagem deste estudo será cultural. Isso vai exigir que, no que diz respeito à **questão teórica**, recorra-se às Ciências Sociais, especialmente à Sociologia e à Antropologia; e nesses âmbitos, buscar-se-á contribuições no pensamento de Emílio Willems e de Gilberto Freyre, alongando algumas reflexões sobre a apropriação social do pensamentos desses autores. A partir desse entendimento básico, adotou-se como início do recorte histórico os anos 1933/1934. Logo se verá o "por quê?".

O ano de 1934 pode ser considerado como um marco no sentido de um maior enquadramento das ciências sociais brasileiras, pois a data indica a fundação da Escola de Sociologia e Política de São Paulo⁶ e da Universidade de São Paulo com as inovações decorrentes do fato; e a organização da Sociedade Brasileira de Sociologia.⁷ Sob diferente perspectiva, esses anos também assinalam a publicação de **Casa grande & senzala**, de Gilberto Freyre. (FREYRE, 1933)

Os anos 1933/34 assim têm sido também considerados muito importantes para os estudos superiores no país. Não no sentido de marcarem o aparecimento desse ensino no contexto de universidades.⁸ Mas a criação da Universidade de São Paulo e da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, que então ocorre, caracterizam a busca de um novo paradigma de instituição, agora mais envolvida com assuntos de ciência e de pesquisa. Para a implementação desse modelo, fez-se necessário contratar professores estrangeiros na França, na Itália e na Alemanha. Ante um mundo universitário então modesto, o número de docentes e pesquisadores estrangeiros foi expressivo: quarenta e cinco professores, entre os anos de 1934 e 1942 (AZEVEDO, 1964, p. 755).

O Brasil já tivera experiências históricas semelhantes, como a chamada Missão Artística Francesa (1826) que D. João VI⁹ fizera chegar ao Rio de Janeiro, tão logo terminaram as guerras napoleônicas. Agora era a vez da chamada Missão de Professores Estrangeiros, que centralizaria suas atividades na Universidade de São Paulo e na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, e ampliando seu campo de ação abrangeria a Universidade do Rio de Janeiro e outras instituições.

O convívio provocado por essas missões culturais estimulou o uso da palavra "brasilianista", tida como um marco que acentuava a qualificação dos intelectuais estrangeiros face aos brasileiros e que vai se aplicar às atividades dos viajantes e cientistas, tanto europeus como norte-americanos, que atuaram no país até a década de 60. Essa fase tem sido chamada de "a fase histórica do brasilianismo" (MEIHI, 1900, p. 50).¹⁰ Desse tempo, diz

⁵ Academia Real de Marinha (1808), Real Academia Militar (1810). Após a independência política do Brasil foram fundados os primeiros cursos de ciências jurídicas nas cidades de São Paulo e Olinda (este, no ano de 1854, foi transferido para a cidade de Recife). Mas mesmo assim, os filhos de famílias abastadas costumavam completar seus estudos nas Universidades de Portugal e da França.

⁶ Essa escola, na realidade, foi fundada em maio de 1933 com o nome de Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo e breve considerada instituição complementar da Universidade de São Paulo.

⁷ Organizou-se com o nome de Sociedade de Sociologia de São Paulo; em 1950 passou a denominar-se Sociedade Brasileira de Sociologia.

⁸ A Universidade do Rio de Janeiro foi criada no ano de 1920 e a Universidade de Minas Gerais em 1927.

⁹ Essa Missão Artística Francesa vai desempenhar um importante papel ao impulsionar a Escola de Belas Artes e formar discípulos. Até hoje é muito conhecida a obra de J.J. Debret, especialmente a sua coleção de pinturas de valor altamente documental.

¹⁰ Após viria a "fase política do brasilianismo" que se estenderia até os dias atuais e nessa predominaria a presença de norte-americanos. Cf. MEIHY, José Carlos Sebe Bom. A colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica. São Paulo, Nova Estella, 1900. P.50

José Carlos Sebe Bom Meihy, como as discussões científicas não estavam muito permeadas pelas questões políticas, os brasilianistas franceses, ingleses e norte-americanos e de outras nacionalidades eram cercados por um clima de respeito e gentileza (MEIHI, 1900, p. 37).

Os docentes que integravam a Missão de Professores Estrangeiros se transferiam para o Brasil com a responsabilidade de lecionar; mas tinha-se a expectativa de que suas atividades se estendessem também pelo âmbito da investigação, seja propiciando treinamento e ministrando formação em pesquisa, seja ocupando-se em analisar a realidade nacional sob a perspectiva das ciências sociais.¹¹ Mas no registro de toda contribuição acadêmica que propiciam é preciso lembrar, como disse Fernanda Massi, que as relações diferenciadas que estabeleciam com o Brasil são sempre indicadores de uma desigualdade básica entre centro e periferia (MASSI, 1969, p. 456).

A partir de meados da década de 40, a produção sociológica brasileira parece polarizar-se em torno de alguns núcleos básicos de questões: 1) o estudo da chamada crise de transição então vivida pelo país, que saía de uma sociedade baseada no capitalismo agrário para uma situação onde passaria a predominar o capitalismo industrial; 2) a temática da revolução burguesa ocupada em analisar o curso da industrialização e a ascensão da burguesia industrial; e 3) a busca de uma reinterpretação da história social, especialmente a dos tempos mais recentes (IANNI, 1989, p. 7).

Nas pegadas desse último caminho é que transitará este estudo: a busca de uma reinterpretação (pequena/parcial) da história social do país e, nesse sentido: 1) analisando as regiões e dirigindo ênfase à região Sul; 2) buscando nesses "modelos de Brasil" (mais expressos ou mais latentes), estabelecer relações com a apropriação social dessas idéias. É verdade que se poderá dizer, por um lado, que se trata de uma contribuição tardia, que demorou muito a vir devido à época de publicação das obras que serão enfocadas. Mas, por outro lado, está fora de dúvidas que foi instigada pelos tempos atuais de busca de respeito à diversidade étnica e também estimulada pelas novas posturas brasileiras - ao nível constitucional (1988), expressão dos valores básicos da nacionalidade, o Brasil coloca-se como um país pluriétnico.¹²

3. O Brasil até o correr dos anos 60 constituía-se num atraente campo de investigação para estudiosos estrangeiros, especialmente para os antropólogos que, marcados por uma tradição acadêmica que valorizava o distanciamento do "outro", vinham realizar seus estudos - o mundo exótico da cultura indígena fascinava-os. Assim sendo, quanto ao objeto de estudo, pode-se dizer que Emílio Willems fugiu do usual, desenvolveu um trabalho contra a corrente: pôs-se a estudar os imigrantes no Sul do Brasil.

O sociólogo e antropólogo Emílio Willems, alemão de nascimento (1905-1997), fez a sua formação nas Universidades de Colônia, de Berlim e de Paris.¹³ A partir de 1930 e durante vários anos realizou pesquisas de campo nas zonas de colonização estrangeira, na região Sul do Brasil. Como disse Willems, foram quase cinco anos de estreita convivência com populações em que o processo de assimilação se revelava sob todos os seus aspectos e em todas as suas graduações, permitiram que observasse, demoradamente, determinadas reações sócio-psíquicas as quais soem acompanhar as relações inter-étnicas e aculturativas (WILLEMS, 1940, p. XIII).

Os resultados da atividade desse "brasilianista" figuram no livro **Assimilação de populações marginais no Brasil: um estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes**, publicado em 1940. Nesse ano Willems passou a exercer as funções de Professor da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Em seu estudo critica a falta geral de verbas para investigação e até registra as dificuldades em desenvolver algo que considera muito importante no estudo do processo de imigração - o trabalho de campo. Refere-se a um conhecimento da realidade empírica mas que deriva de pautas teóricas. E algo dessas diretrizes pode ser percebido já no título

¹¹ Para mais informações ver MICELI, Sérgio, (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo, Vértice, Editora Revista dos Tribunais: IDESP, 1969. v.1.

¹² Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Capítulo III - Da Educação, da Cultura e do Desporto. Seção II - Da Cultura. Art. 215 e art. 216.

¹³ Emílio Willems, enquanto trabalhou no Brasil, foi fiel ao tema de sua eleição tendo publicado ainda: "Contribuição para o estudo da aculturação dos japoneses e seus descendentes no Estado de São Paulo e A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. É autor de mais de 150 artigos. Entre suas obras principais pode-se citar também: *Followers of the new faith: culture change and the rise of Protestantism in Brazil and Chile*(1967); *Latin American culture: an anthropological synthesis*(1975); *A way of life and death: three centuries of Prussian-German Militarism*(1986). Após deixar o Brasil, fez carreira acadêmica nos Estados Unidos tendo, entre os anos 1949-1974, trabalhado na Vanderbilt University.

da obra, ao falar em "assimilação" e em "populações marginais" (esta expressão não tem aí o sentido que pode relacioná-la com a pobreza urbana dos países em via de desenvolvimento) (PERMAN, 1977, p. 377).

Mas a que caudal de reflexão teórica somos conduzidos pelo título, mas principalmente pelo conteúdo da obra? Aportamos à Escola de Chicago e, de modo especial, ao pensamento de Robert Park. Como muito bem disse Fernando Limongi referindo-se a Willems, apesar de não ter um diploma da Universidade de Chicago, os estudos que realizou no Brasil foram inspirados nos trabalhos de pesquisadores dessa Universidade (LIMONGI, 1969, p. 223).

Nos estudos de Emílio Willems revelou-se muito importante o conceito de "homem marginal", de autoria de Robert Park, que figura em seu artigo "Migração humana e o homem marginal":

O "homem marginal", tal como é aqui concebido, é um indivíduo a quem o destino condenou a viver em duas sociedades e em duas culturas, não só diferentes mas antagônicas. ...

O "homem marginal" é um tipo de personalidade que aparece no tempo e no lugar onde, do conflitos de raças e culturas, surgem novas sociedades, novos povos e culturas. O destino que o condena a viver, ao mesmo tempo, em dois mundos, é o mesmo que o compele a assumir, em relação aos mundos em que vive, o papel de cosmopolita e estranho. ... Do que se disse pode inferir-se que o "homem marginal" é produto incidente de um processo de aculturação, que ocorre inevitavelmente quando povos de diferentes culturas e raças, se reúnem para viver em comum (PARK, 1948, p.28;31).

O fenômeno acompanha a história humana, que é toda feita de contatos entre homens diferentes em termos raciais e culturais. Nos tempos modernos vai caracterizar o que René Rémond chamou de "a europeização do mundo" expressa pela imigração maciça - calcula-se em 60 milhões o número de europeus que deixaram o continente para estabelecer-se no além-mar (RÉMOND, 1990, p. 199). Dirigem-se especialmente para as Américas e o fato cria novas situações que passam a interrogar as ciências sociais em busca de resposta.

O conceito de "homem marginal" foi estabelecido na busca do entendimento dessas questões; ajusta-se, ainda, a uma corrente de pensamento que se preocupa com a dimensão psicossocial dos seres humanos que, pelas novas formas de viver com a imigração, são colocados em contato mútuo. Trata-se, enfim, da mesma e eterna questão, em tempos mais recentes, tratada por Alain Touraine: como viver juntos iguais e diferentes? (TOURAINÉ, 1998, p. 365)

Ao estudar os imigrantes (e seus descendentes) como os diferentes, Emílio Willems analisará: origem, causas da imigração, formas de colonização, cultura material, ambivalência de atitudes, estereótipos e representações sociais, a língua, a família, a religião, a economia, a educação, o direito, a política. E seu estudo emerge no bojo de um longo contato com seu objeto mediante trabalho de campo, mas mesmo assim vacia em publicar os resultados; entende que o tema é de tal importância que exigiria um exame completo da realidade.

Qual era, em traços gerais, a realidade brasileira de então? Como acontecia com a maioria dos países do mundo ocidental, as questões sociais estavam muito polarizadas em torno da Segunda Guerra Mundial que transcorria na Europa. E nesse contexto o governo brasileiro volta a pensar com preocupação muito acentuada (já existia nas primeiras décadas do século), sobre a questão da assimilação dos imigrantes estrangeiros, especialmente os que haviam se instalado na região Sul. Preocupações especiais, pois haviam ficado praticamente isolados, com carência de escolas públicas, sem contatos com a sociedade nacional, caminho que a Sociologia e a Antropologia apontam como gerador de mudança. Compraram áreas de terras (os lotes coloniais) em plena mata virgem, que deviam explorar em regime de pequena propriedade agrícola, num esquema de ação que visava a substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre.

Em seu livro Willems coloca os seus leitores em contacto com a experiência norte-americana como país de imigração, num primeiro momento, caracterizada pela teoria do "melting pot": duas culturas diferentes em contato seriam capaz de (embora mantendo as características de base) gerarem uma nova realidade cultural. Mas discussões e debates das primeiras décadas de 1900 (por vezes, apaixonados face ao contexto da Primeira Guerra Mundial), levaram ao entendimento de que o simples contato entre diferentes culturas, embora vivendo sob o mesmo solo americano, não produzira uma nova realidade no estilo de uma "cultura de síntese". Retornou-se então ao antigo conceito de "assimilação", que vai ter suas raízes na filosofia escolástica, passando pela Biologia, pela Psicologia e penetrando nas Ciências Sociais.

A assimilação dos imigrantes estrangeiros como questão-problema, que eclodiu nos Estados Unidos estimulada pelo contexto da Primeira Grande Guerra, no Brasil vai concretizar-se nas décadas de 30/40, estando sob alguns focos fundamentais de influências como: o crescimento, a partir dos anos 20, do sentimento nacionalista; a

Revolução de 30 que levou Getúlio Vargas ao poder e que vai implementar, na região Sul do Brasil, um plano governamental (1938) visando a nacionalização das populações de origem estrangeira; a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial alinhando-se com os Aliados (1942) e, como consequência, as populações imigrantes de origem italiana, germânica, e japonesa passaram, sob a perspectiva da segurança nacional, a serem encarados como "inimigos em potencial".

De acordo com Robert Park, a assimilação pode ser entendida como o nome dado ao processo ou aos processos pelos quais povos de origens raciais diversas e de diferentes heranças culturais, ocupando um território comum, realizam uma solidariedade cultural, suficiente, pelo menos, para sustentar uma existência nacional (PARK, apud WILLEMS, p. 13).

Ao falar em "existência nacional", tangencia-se uma questão altamente relevante do ponto de vista político para os países receptores de imigrantes: a questão nacional. Mostrando-se sensível a esse aspecto, Willems analisa as fronteiras entre "assimilação" e "nacionalização":

A assimilação torna-se assim um conceito mais genérico e abstrato de que os verbos americanizar, anglizar ou germanizar são termos mais específicos. Com essas palavras tenciona-se descrever o processo pelo qual os costumes sociais, idéias políticas geralmente aceitas, assim como os sentimentos de lealdade a uma comunidade ou a um país são transmitidos a um cidadão adotivo. (PARK, apud WILLEMS, p. 24)

A referência diz respeito a situações que ocorrem tipicamente sob a pressão dos estados nacionais, devido às suas necessidades de solidificar-se como nação. Esse entendimento costuma dar sustentação a estratégias de ação que, usualmente, encontram seu apoio a partir de interpretações históricas e da força do poder simbólico; costumam ser implementadas pelos Estados (ou com forte apoio dele) e vão desembocar (como vimos) na chamada "americanização" das primeiras décadas do século XX, nos Estados Unidos. E como caudal dessa reflexão, poder-se-ia colocar o *abrasileiramento* dos tempos do Estado Novo de Vargas.

Pode-se dizer que preocupações com estratégias de *abrasileiramento*, não estiveram presentes (de forma direta) no estudo de Emílio Willems; assim sua reflexão não apresentou um modelo a ser endossado ou um conceito de *brasilidade* enquanto um caminho a ser seguido. Afirmou mesmo que entendia sua obra como situada no campo estritamente científico, embora tivesse a expectativa de que viesse a ser útil na solução dos problemas relacionados com a assimilação de imigrantes estrangeiros que haviam se instalado no país. E dizia que, assim sendo, não se ocupou em sugerir medidas ou traçar normas de ação pois entendia que essa parte não competia ao cientista, mas ao educador, administrador, estadista e legislador (WILLEMS, 1946, p. 596).

A obra e o quadro teórico que Emílio Willems adotou, todavia, apontam para um conceito amplo de "assimilação", a partir do qual aos imigrantes seria dado vivenciar situações em que, de um lado, a sociedade receptora seria considerada o eixo principal no processo (no caso a luso-brasileira); mas, de outro lado, os que "vieram de fora e para ficar" também teriam a oportunidade de passar a integrar a vida nacional, para além da situação de simples "coadjuvantes no processo econômico". Mas esse caminho, que se apoiava no pressuposto da sociedade brasileira organizada em termos multiétnicos, não foi a via política seguida pelo país nas décadas de 30 e 40; e assim não ocorreram as condições básicas para uma apropriação social da contribuição de Emílio Willems. Talvez não seja exagero dizer que esta, durante décadas ficou ao "sabor do pó" - repousando nas estantes. Mas alterações decisivas vão dar-se no âmbito nacional - em 1964 inicia-se a fase política do regime militar e, a partir de 1978, o país começa a encaminhar-se para uma fase de redemocratização do regime; e entre as muitas mudanças que vão ocorrendo, os exilados políticos voltam ao país. Mas será que por analogia se poderá dizer que autores quase esquecidos, como que exilados pelo desconforto que suas idéias então geraram, também voltam a ser lidos? O fato é que no Brasil novamente publica-se, ano de 1980, uma obra de Emílio Willems, *A aculturação dos alemães no Brasil: um estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes* (WILLEMS, 1980, p. 465).

4. Nos tempos em que Emílio Willems desenvolvia suas pesquisas de campo no Sul (1930/35), o sociólogo Gilberto Freyre lançava-se como escritor e iria ter muita importância no estilo de relacionamento a ser desenvolvido pela sociedade nacional para com as populações de origem estrangeira. Freyre tinha como base de atividades a cidade de Recife e seus estudos e seu viver iriam ser entendidos como uma autêntica expressão da Região Nordeste do Brasil, e de tudo o que seria considerado como o mais legitimamente nacional.

As regiões, como parte da paisagem humana, também sofrem os seus modismos e são passíveis de apropriações simbólicas. No Brasil, com a aproximação das comemorações do primeiro centenário da independência política do país, foi no estado de São Paulo que, para deixar bem marcado a importância da região no "Grito do Ipiranga", se

erigiu o grande monumento comemorativo. Em palavras de Nicolau Sevcenko, foi dentro desse clima de entusiasmo que se elaborou uma nova versão do bandeirante, visto como o representante das mais puras raízes sociais brasileiras, conquistador do vasto sertão, fundador da raça e da civilização brasileiras; opunha-se aos "emboabas".¹⁴ pessoas estranhas à região, elementos provenientes de terras estrangeiras, que permaneceram ligados à costa litorânea, sempre olhando o mar (SEVCENKO, 1992, p. 138).

Para os dirigentes paulistas, em seus anseios no sentido de assumir o controle econômico, político e até mesmo militar dos destinos da república, a figura do bandeirante dava-lhes legitimidade cultural. Mas Sevcenko registra, ainda, que tinham consciência de um outro aspecto: a presença maciça de contingentes de imigrantes em São Paulo, que eram considerados como integrantes de um "front interno" de lutas a ser enfrentado (SEVCENKO, 1992, p. 138). Mas eram importantes as bandeiras (e os bandeirantes) paulistas? Evidentemente. Mas é assim que Gilberto Freyre as vê, relacionando seu êxito aos engenhos de açúcar do Nordeste:

As "Bandeiras" ninguém ousa lhes diminuir o valor no sentido da extensão da colônia portuguesa na América: do seu alongamento para o Oeste, para o extremo Sul, para o Norte. Mas esse transbordamento de esforço - já mais mameleco do que português - teria sido quase vão e todo no raso - tão no raso que não criaria tipo nenhum de casa - se em torno dos engenhos de açúcar, nas manchas de terra do massapê, não se concentrassem, desde o século VI, as energias criadoras do agricultor de cana, da senhora de engenho, da mãe preta, do negro, do cabra da bagaceira (FREYRE, 1967, p. 11).

As regiões, como diz Durval Muniz de Albuquerque Júnior em seu livro **A invenção do Nordeste e outras artes** (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1999, p. 101), são muito importantes, tanto que a origem da nacionalidade é buscada na história de cada região. As lutas regionalistas atravessam a leitura da história do Brasil, que é feita para estabelecer a prevalência de uma área e de um "tipo regional", na construção da nação e de seu povo. Nessa leitura, parte-se quase sempre das questões e características atuais de cada espaço, para buscar suas raízes no passado. Produz-se toda uma mitologia em torno da origem da cada região e da nação, em torno de fatos históricos e pessoas que são afirmadas como precursores da nacionalidade, como heróis fundadores do Brasil (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1999, p.101).

Essa introdução de pensamento foi para dizer que, com Gilberto Freyre, vai ser a hora e a vez da região Nordeste¹⁵. Nesse sentido, será importante o jornal O Diário de Pernambuco e é nesse periódico que Gilberto Freyre começa a expor seu pensamento tradicional e regionalista. Segundo José Lins do Rego foi aí, nessa articulação de forças sociais, que "o Nordeste se descobriu como pátria" (REGO apud ALBUQUERQUE JUNIOR, 1999, p.72). E foi a partir daí que Gilberto Freyre construiu a sua interpretação de Brasil: analisava o Nordeste e generalizava para o Brasil. Era uma postura freqüente: "o tipo de explanação adotada pelos "explicadores do Brasil" não se limitava a um campo específico: ainda quando tratam de uma região específica, generalizam as conclusões para o Brasil como um todo (MOTA, 1985, p. 30).

Em Gilberto Freyre vê-se surgir toda uma obra centrada na idéia de valorização de seu espaço de viver e amar, e de sua região - o Nordeste; e a valorização da obra empreendida pelos portugueses no Brasil. E dessa colocação vai derivar também o entendimento de que toda a ação civilizadora que o português realizou nos trópicos muito se deve à capacidade dos elementos mestiços; num contexto que atribui grande importância ao negro, considerado por Freyre como "o maior e o mais plástico colaborador do brancos na obra de colonização agrária." (FREYRE, 1960, p. 402).

O escritor Gilberto Freyre (1900-1987) teve uma brilhante trajetória acadêmica com formação nos Estados Unidos quando, na Universidade de Columbia, realizou estudos pós-graduados em ciências Políticas, Jurídicas e Sociais. Chama a atenção o fato de que, numa época em que as instituições superiores de ensino brasileiras organizavam a Missão de Professores Estrangeiros, visando a implementação da ciência e da pesquisa no país, Freyre jamais aceitou os convites para integrar esses quadros universitários.¹⁶

¹⁴ Alcinha que, nos tempos coloniais, os descendentes dos bandeirantes paulistas usavam para designar os forasteiros portugueses e brasileiros de outras origens.

¹⁵ A Região político-administrativa do Nordeste é integrada pelos seguintes estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe.

¹⁶ Recusou diversas cátedras para lecionar no Brasil e no estrangeiro. Somente aceitou a situação de professor extraordinário nas Universidades norte-americanas de Stanford, Michigan, Indiana e Virgínia.

O cosmopolitismo acadêmico, todavia, que se criou no Brasil com a presença desses professores estrangeiros que atuavam principalmente em São Paulo, não faltou à obra de Gilberto Freyre desenvolvida no longínquo Recife. Isso foi possível graças à sua trajetória de vida que tem marcas muito pessoais, capazes de revelar um caminho idiossincrático, e que lhe permitiu uma situação de alto prestígio internacional:¹⁷ distinguido com o prêmio Anisfield-Wolf, melhor trabalho mundial sobre relações raciais; doutor máximo pela Universidade de Coimbra, doutor *honoris causa* pelas Universidades de Münster (Alemanha), Sussex (Inglaterra); prêmio Aspen (Estados Unidos); prêmio internacional de literatura *La Madonina* (Itália); título de Sir - "Cavaleiro Comandante do Império Britânico" concedido pela rainha Elizabeth II (Inglaterra). No Recife, o solar Santo Antonio de Apipucos¹⁸, onde residia, era um local denso de relações sociais e pelo solar desfilava muito da intelectualidade de então: Aldous Huxley, John Dos Passos, Robert Lowell, Vitorino Nemesio, Jean-Paul Sartre, Simone de Bouvoir, Lucien Febvre, Fernand Braudel (CHACON, 1993, p.11), só para citar alguns estrangeiros.

Entre os muitos caminhos que poderia percorrer, Gilberto Freyre preferiu dedicar-se à atividade de escritor por considerar que esta era a sua "vocação máxima". Jovem ainda publica Casa grande & senzala, no ano de 1933; seu livro "germinal" como gostava de dizer - obra que deu origem a outras. E com esse livro atinge um grande público, nacional e internacional. Fernand Braudel assim falou:

Repetir depois de tantos outros que Casa Grande & Senzala é a obra prima de Gilberto Freyre é pouco dizer, muito pouco: por mais forte que seja o termo, não condiz com um sucesso tão caro e fulminante. (BRAUDEL, 2000, p. 13)

Aqui não se pretende fazer uma análise dessa obra de Gilberto Freyre. Muitos já o fizeram e competentemente, como Élide Rugai Bastos e Ricardo Benzaquen de Araújo.¹⁹ Até uma biografia intelectual, difícil de produzir como um trabalho de filigranas, já foi escrita por Vamireh Chacon.(CHACON, 1993, p. 312) O que se pretende aqui são colocações em outro nível - tentar analisar a contribuição do pensamento de Gilberto Freyre sob a perspectiva de apropriação social.

Nesse sentido, logo o conceito de *brasilidade* é colocado no centro do palco. O termo é de senso comum. Um simples dicionário nos dirá: "brasilidade, propriedade distintiva do brasileiro e do Brasil". Mas a obra **Fundamentos de Sociologia** de Carneiro Leão aponta em outra direção. Ao referir-se à Cadeira de Sociologia no âmbito da reforma do ensino de Pernambuco (1928), relata que nessa atividade substituiu Gilberto Freyre, já encontrando "uma tradição, uma orientação e um programa" (LEÃO, 1963, p. 13). A seguir, discorre sobre a carência de presença nacional nas propostas de ensino, que sempre se inspiravam nos programas estrangeiros. Em contraposição a esse contexto, mas passando também a idéia mais geral de oposição ao que é "estrangeiro", foi concebido o vocábulo brasilidade: "hávamos criado o vocábulo 'brasilidade' mas não lhe déramos conteúdo".(LEÃO, 1963, p. 13)

A análise de documentos governamentais da época 30/40 vai revelar o uso político do termo ou o "conteúdo" político que, nos tempos de Vargas, foi dado à expressão *brasilidade*; e como, a partir desse termo, foi se criando um constructo do que se entendia por ser *brasileiro*. Difícil de definir, referia-se a uma série de características de naturezas diversas - políticas, culturais, morais, raciais, de personalidade, de religião, de passado histórico -, com dificuldades para conviver com um pluralismo cultural mais amplo. Dito de uma forma mais simples, a característica básica de *ser brasileiro* ou ter *brasilidade*, com evidente apoio no pensamento de Gilberto Freyre; era poder situar suas raízes no triângulo das "três raças" formadoras da pátria: os indígenas, por serem o povo da terra; os portugueses enquanto os descobridores; os africanos por sua participação na história brasileira. A *brasilidade*, enfim, indicava qualidades que definiam os que eram considerados como parte constitutiva da nação.

Nas regiões que tinham sido povoadas por imigrantes estrangeiros, o conceito de *brasilidade* ajudava a estabelecer a diferença, a marcar os limites, a definir as fronteiras entre o que era *brasileiro* e o que era

¹⁷ Vários de seus livros foram traduzidos para as línguas inglesa, francesa, polonesa, húngara, espanhola, japonesa, italiana, alemã, sueca, norueguesa, iugoslava.

¹⁸ Atualmente, Casa Museu Magdalena e Gilberto Freyre e sede da Fundação Gilberto Freyre.

¹⁹ Como: BASTOS, Elide Rugai. *Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ano 1986. 328p. (mimeo.); ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Guerra e paz: Casa Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1994. 216p.

estrangeiro; mas esse último conceito costumava ser empregado no contexto étnico - era a questão cultural que dava a tônica. Assim, brasileiros de nacionalidade, segundo as normas do Direito Internacional e de acordo com as leis do Brasil que desde muito adotava o princípio do *jus soli* como definidor da nacionalidade, acabavam colocados na categoria de *estrangeiros*; e não encontravam no modelo das "três raças" um espaço ideológico para agasalhar-se.

O termo *brasildade* vai passando assim a ser apropriado pelo aparelho de Estado e a integrar as estratégias nacionalistas do governo. Nessa perspectiva, passam a ser realizados os chamados *Congressos de Brasildade* (1941-1944), havendo um órgão central, na cidade do Rio de Janeiro, que articulava, coordenava/supervisionava esses eventos. Ocorriam anualmente em todo o país e na mesma data, sempre iniciando-se no bojo das comemorações do aniversário do Estado Nacional (10 a 19 de novembro); tratava-se de evento cívico obrigatório, "movimento de intensa exaltação patriótica"²⁰, devendo realizar-se em todos os municípios e distritos do país: do Oiapoque ao Chuí, como as crianças brasileiras aprendiam na escola; ou seja, dos extremos da pátria - do Norte ao Sul.

E no Sul, como esses eventos oficiais de civismo conviviam com a presença de estrangeiros imigrantes, que haviam demandado e se estabelecido no país, dentro das normas oficiais de imigração, as emanadas do governo brasileiro? Como situá-los face à teoria da miscigenação e ao luso-tropicalismo? Região fria, facilmente com temperaturas de zero grau nos tempos de inverno e habitada por personagens que apresentavam, do ponto de vista racial, um diferente tipo físico, faziam com que o Sul se transformasse numa incômoda realidade; salvo por sua cooperação com o desenvolvimento econômico do país, praticamente sempre reconhecida. E referente a um contingente populacional muito expressivo, o que a tornava mais incômoda ainda. Segundo um estudo de Fernando Carneiro denominado *Imigração e Colonização no Brasil* (CARNEIRO, 1950), no período compreendido entre os anos 1819 e 1947 entraram no Brasil praticamente 5 milhões de imigrantes (para ser mais exato, 4.903.991 pessoas). Mas apesar da expressão desses números, e não demonstrando sensibilidade para com as teorias sociológicas e antropológicas que debatiam as relações mútuas entre sociedade nacional e grupos imigrantes, os *Congressos de Brasildade* difundiam afirmações assim:

Povos europeus, estranhos ao nosso étnico originário [português] são considerados como inassimiláveis. (CARNEIRO, 1950)

O documento conhecido como "Declaração de 1950" da Unesco, endossada por especialistas, afirmava: "nada prova que a mestiçagem, por si própria, produza maus resultados no plano biológico"; essa constatação muito valoriza a obra de Gilberto Freyre, especialmente pelo seu caráter antecipatório. Mas esse mesmo documento internacional também afirma a sua crença no sentido de que todo o indivíduo normal tem capacidade de participar da vida em comum, mesmo em situação de diversidade étnica.²¹ Esse caminho tem sido apontado como o que Gilberto Freyre buscava endossar - uma postura de elogio à diversidade cultural (ARAÚJO, p. 32), em caminho que teria sido aberto por seus estudos com Franz Boas.

Essas colocações fazem lembrar um artigo que Gilberto Freyre escreveu em abril de 1956, como colaborador da revista *O Cruzeiro*. O título é sugestivo: "Os Brasis e o Brasil" e nele se faz considerações sobre o livro de Wilson Martins, denominado **Um Brasil diferente: ensaios sobre fenômenos de aculturação do Paraná**. (MARTINS, 1955) Nessa obra, Martins reconhece como "admiráveis" os estudos de Freyre, mas contesta a tendência de os encarar como sendo a sociologia brasileira e assim aplicáveis a todas a regiões do país: muitas dessas áreas apresentam um caráter próprio notadamente quanto à influência cultural estrangeira, como as regiões meridionais do país, a partir do estado de São Paulo para a direção sul.

O artigo era uma resposta de Gilberto Freyre ao que ele chamou (também) "livro admirável" de Wilson Martins, com o qual tinha concordâncias: o Brasil era, de fato, constituído por províncias e regiões diferentes. Afirmava que, no âmbito da concordância, diferente era o Paraná, do mesmo modo que o Amazonas, o Rio Grande do Sul, o Mato Grosso, a Bahia e o Ceará. Todos apresentavam-se diferentes de Minas Gerais ou de Pernambuco; ou de qualquer dos Brasis que for tomado para ponto de referência. E continua Freyre:

mas o elemento que lhe dá unidade à cultura é o elemento lusitano, que aqui forma não um sub-Brasil ou constitui apenas uma predominância regional, mas um trans-Brasil. É um elemento trans-regional.

²⁰ Jornal Gazeta do Povo. Curitiba. 8 de novembro de 1942.

²¹ UNESCO. *Declaração de 1950*. DUNN, I.C. e outros. *Raça e ciência II*. São Paulo, Perspectiva, 1972. P.279-283.

Do acima pode-se derivar "encontros": nesse ponto as concepções de Gilberto Freyre e de Emílio Willems ficam de mãos dadas, como que selando um acordo. O que acima foi chamado "transcultura", o brasilianista Willems denominava "cultura base" do país receptor que deve ser respeitada; e ainda salientava as relações entre assimilação e nacionalismo (ou nacionalização).

Mas há também momentos de "desencontros". De um lado, segundo o pensamento de Willems, numa sociedade receptora de imigrantes todos os grupos sociais que a integram, sob a égide político-cultural da sociedade base, deveriam ter legítimo espaço de participação; isso deveria ocorrer nas diversas esferas da vida social, não somente no processo econômico. De outro lado, as áreas do Brasil onde se deu o processo histórico de ocupação de terra pela imigração são consideradas, por Gilberto Freyre, como "sub-Brasis",²² devido à cultura de seus habitantes; e, no bojo da dinâmica social, esse entendimento gerava processos de apropriação que vinham a fortalecer a idéia de que os "sub-Brasis" não participavam do *corpus* da nação.

Eis algumas idéias sobre os tempos das décadas de 30/40, que esperamos sejam capazes de aquecer o debate sobre esse instigante período da história brasileira; e sobre Emílio Willems e Gilberto Freyre, dois autores igualmente instigantes.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz ...* p. 32
- AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil*. 4.ed. São Paulo, Melhoramentos, 1964.
- BASTOS, Elide Rugai. Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ano 1986. 328p. (mimeo.); ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. Guerra e paz: Casa Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1994.
- BRAUDEL, Fernand. *Casa Grande & Senzala*. Novos Estudos Cebrap. São Paulo, n. 56. Março 2000.
- CARNEIRO, Fernando J. *Imigração e colonização no Brasil*. Faculdade Nacional de Filosofia. Cadeira de Geografia do Brasil. Rio de Janeiro. Publ. Avulsa n.2. 1950.
- CHACON, Vamireh. *Gilberto Freyre: uma biografia intelectual*. Recife: Fundaj, Ed. Massangana; São Paulo: Ed. Nacional, 1993.
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Capítulo III - Da Educação, da Cultura e do Desporto. Seção II - Da Cultura. Art. 215 e art. 216.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro, Maia & Schmidt, 1933.
- FREYRE, Gilberto. *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). *A época colonial: administração, economia, sociedade*. 6.ed. São Paulo, Difel, 1985. P.358. (Coleção História geral da civilização brasileira).
- IANNI, Octávio. *Sociologia da Sociologia: o pensamento sociológico brasileiro*. 3.ed rev. e aum. São Paulo, Ática, 1989.
- Jornal Gazeta do Povo. Curitiba. 8 de novembro de 1942.
- LEÃO, A Carneiro. *Fundamentos de Sociologia*. 5 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1963.
- LIMONGI, Fernando. *A Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo*. In: MICELI, Sérgio (org). História das Ciências Sociais no Brasil...
- MARTINS, Wilson. *Um Brasil diferente: ensaios sobre fenômenos de aculturação do Paraná*. São Paulo, Editora Anhembi, 1955.
- MASSI, Fernanda. *Franceses e norte-americanos nas ciências sociais brasileiras 1930 - 1960*. In: MICELI, Sergio, org.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. São Paulo, Nova Estella, 1900.
- MICELI, Sérgio, (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo, Vértice, Editora Revista dos Tribunais : IDESP, 1969. v.1.

²² Revista O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 21 de Abril de 1956.

- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira 1933 - 1974*. 5.ed. São Paulo, Ática, 1985.
- PARK, Robert E. Apud WILLEMS, Emilio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*.
- PARK, Robert E. *Migração humana e o "homem marginal"*. In: STONEQUIST, Everret V. O homem marginal: estudo de personalidade e conflito cultural. São Paulo, Martins Fontes, 1948.
- PARK, Robert. Apud WILLEMS, Emilio. *Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes alemães e seus descendentes*.
- PERMAN, Janice E. *O mito da marginalidade*. Favelas e política no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- RÊGO, José Lins do. Apud ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção...*
- RÉMOND, René. *O século XIX 1815-1914*. São Paulo, Cultrix, 1990.
- Revista O Cruzeiro. Rio Janeiro, 21 de abril de 1956.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, Companhia de Letras, 1992.
- TOURAINÉ, Alain. *Poderemos viver juntos? Iguais e Diferentes*. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1998.
- UNESCO. Declaração de 1950. DUNN, I.C. e outros. *Raça e ciência II*. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- WILLEMS, Emilio. *A aculturação dos alemães no Brasil: um estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes*. 2.ed., il., ver. e ampl. São Paulo: Ed.Nacional; [Brasília] : INL, 1980. 465p. (A primeira edição foi do ano de 1946)
- WILLEMS, Emilio. *Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*. São Paulo, Nacional, 1940. (Coleção Brasileira, Série 5a, v. 186).